

O MENINO QUE PROCURAVA UM AMIGO DE VERDADE

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de Cássio, um menino carinhoso, disciplinado, obediente e muito simpático. Cássio achava que tinha muitos amigos, até que um dia seu avô Alexandre explicou a diferença entre as pessoas que encontramos, como os desconhecidos, os conhecidos, os colegas, os amigos e os amigos de verdade. Cássio ficou intrigado com as definições de seu avô e começou a procurar os seus ‘amigos de verdade’. Mas, logo percebeu que ter e ser ‘amigo de verdade’ era algo que acontecia em raras oportunidades na vida. Mas, em uma tarde de brincadeiras com seus brinquedos, algo mágico aconteceu na vida de Cássio. Cássio conheceu um menino pobre que acabara de pegar no lixo da sua casa papelão e latinhas de alumínio, colocando-as em seu carrinho de mão. Todas as vezes que isto acontecia, o menino pobre parava para admirar e se divertir com as brincadeiras de Cássio. Assim, nasceu uma amizade entre Fiote e Cássio e eles se transformaram em ‘amigos de verdade’, como se fossem irmãos.

João José da Costa

O menino que procurava um amigo de verdade, por João José da Costa

Direitos autorais reservados. FBN-MEC Registro 635.240 - Livro 1220 - Folha 402

Dedicatória

Dedico este trabalho e a todos que dedicam parte de suas vidas para educar de alguma forma as crianças, como uma missão e uma crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Ah, o Cássio!

Que o Cássio era um menino muito curioso todo mundo sabia. E Cássio, quase todas as noites, bombardeava Selma com um monte de perguntas:

- Selma, por que existem as marés?
- Selma, de onde vem o perfume das flores?
- Selma, os animais podem falar uns com os outros?
- Selma, o que faz com que a água do mar seja salgada?
- Selma os peixes dormem debaixo da água?
- Selma, como é que as moscas podem andar pelo teto?
- Selma, por que os peixes não podem viver fora da água?
- Selma, como as ostras fabricam as pérolas?
- Selma, como funciona a lanterna do vaga-lume?
- Selma, por que o pato não se molha quando nada?
- Selma, por que alguém com dificuldades de aprendizado é chamado de burro?

E, quase sempre a resposta da sua irmã Selma era a mesma:

- Cássio, me deixa dormir! Vá amolar o boi!

(Você ficou curioso em saber as respostas para estas perguntas? Se você ficou, parabéns! A curiosidade é uma característica de crianças inteligentes! Mas, você somente vai aprender e aumentar os seus conhecimentos se procurar satisfazer sua curiosidade. E isto você pode fazer recorrendo ao “triângulo básico de sua educação” - seus professores, seus pais e seus avós. Ou, você pode, também, pesquisar diretamente em outras fontes, como dicionários, enciclopédias. A Internet é hoje um dos grandes recursos de pesquisa. Escreva as perguntas acima no site de busca do Google e veja os links com as respostas! Crie o hábito de pesquisar suas dúvidas e curiosidades. Assim, você se tornará uma criança que cresce em busca do conhecimento! E para que serve o conhecimento? Através do conhecimento você vai melhor entender e admirar os fenômenos da Natureza, a beleza e as qualidades das plantas e dos animais, as habilidades e emoções dos seres humanos. Você vai desenvolver suas aptidões e capacidade para ser bem sucedido na vida. Você olhará para tudo com muito mais admiração e profundidade, como acontecerá com as marés, as flores, as pérolas, os vaga-lumes... Enfim, respeitará e valorizará muito mais as bênçãos e graças de Deus com a criação do Universo e da Vida!).

Mas, quem mais era demandado com suas perguntas era o seu avô Alexandre. Por ser mais paciente e ter mais tempo por estar aposentado, Cássio sabia que tinha acesso garantido ao seu avô para responder suas perguntas.

Mas, Cássio não conhecia muito bem seu avô, até que um dia...

Seu avô estava na oficina, concentrado em consertar o pé de uma cadeira quebrado. Ele procurava fazer um trabalho bem feito e sem pressa. Ele tinha duas preocupações – agradar minha mãe com um conserto de boa qualidade e matar o tempo até a hora do almoço.

Cássio aproximou-se, ficou olhando para ele observando sua concentração, sua dificuldade em levantar a cadeira pelo peso. Entretanto, Cássio pode ver que seu avô fazia aquilo com um semblante de grande responsabilidade. Ele sempre foi um homem sério e de responsabilidade.

Em certo momento, seu avô Alexandre colocou sua mão sobre a mão de Cássio que estava em cima da bancada de madeira. Foi uma forma dele lhe dar as boas vindas e demonstrar carinho. Cássio olhou para ele com ternura, agradecendo com um sorriso e voltou seus olhos para a mão de seu avô.

Cássio pode, então, se concentrar em sua mão por um momento e quanta coisa ela lhe revelou. Eram mãos fortes, pele escurecida e envelhecida, enrugada, com muitas manchas escuras, unhas grandes e quebradiças. Em seguida, Cássio olhou para a sua própria mão.

- Vovô já deve ter tido a minha idade! Concluiu brilhantemente.
- E as suas mãos já foram como as minhas! Ele aprendeu.

A manhã era de chuvisco e um pouco frio e Cássio procurava explorar melhor este contato com seu avô, perguntando-lhe:

- Vô, quantos anos o senhor tem?
- Eu? 81 anos! Respondeu o senhor Alexandre.
- Puxa, 81 anos! E onde o senhor nasceu? Continuou perguntando.
- Nasci em Campo Grande, no Rio de Janeiro, mas vim para São Paulo ainda criança, quando eu tinha 5 anos de idade.
- O senhor teve irmãos? Perguntou.
- Sim, éramos em 3 irmãos. Um deles já faleceu e outro mora em Porto Alegre. Não nos vemos há muitos anos. Disse o senhor Alexandre.
- Mas, por que vô? Ele quis saber.

- Perdemos o contato. Sabe como é, cada um tem sua vida, se casa, tem os seus próprios filhos, os seus problemas e cada um corre atrás de seu destino. Eu não culpo ninguém disto. É a vida. Um dia isto também vai acontecer com você. Esclareceu o senhor Alexandre.

- Eu nunca vou deixar de ver o senhor! Afirmou Cássio.

- Vamos ver, vamos ver... Você acha que a cadeira está ficando boa, sua mãe será que vai gostar? Perguntou o senhor Alexandre.

- Com certeza, o pé da cadeira está muito bem colocado, não vai quebrar mais. Respondeu Cássio.

O pé estava um pouco torto, mas Cássio achou melhor não falar nada para não magoar seu avô. Afinal de contas, ele usava óculos e estava precisando voltar ao oculista, mas sempre dava um jeito de não encontrar tempo.

E Cássio procurava saber mais da vida de seu avô:

- Vovô, o senhor trabalhava como marceneiro? O senhor fazia armários, móveis?

- Marceneiro, eu? Quem me dera! Eu fui Advogado. Mas, sempre gostei de trabalhar com madeiras e com plantas como passatempo. Respondeu o senhor Alexandre.

- E por que o senhor deixou de ser advogado? O senhor gosta mais de consertar cadeiras e cuidar do jardim? Continuou insistindo.

- Tudo tem o seu tempo. Quando ficamos velhos, temos que ter a coragem de nos desapegar de nossa vida profissional e aproveitar o último tesouro de tempo que a vida nos dá para descansar, passear, se divertir. Respondeu o senhor Alexandre.

- Cássio! Agora vamos mostrar a cadeira consertada para sua mãe. Você me ajuda com ela? Pediu o senhor Alexandre.

Cássio segurou nos dois pés da cadeira e seu avô no encosto e lá foram os dois, unidos, em direção à sala de jantar. Seu avô seguia com seus passos lentos e com a respiração ofegante pelo esforço. Ele parava de vez em quando para respirar, dando um discreto sorriso de satisfação para seu neto, como agradecendo sua ajuda. O seu rosto estava pálido.

Cássio pensou:

- Por que a gente tem que ficar velho?

Enquanto seu avô recuperava o fôlego, Cássio perguntou:

- Mas, o que faz um Advo..., o que?
- Advogado Cássio. O advogado estuda as leis brasileiras e as aplica para orientar e defender os direitos legais, a liberdade, a propriedade das pessoas, quando estiveram ameaçadas, entre tantas outras coisas.

E Cássio desabafou:

- É, parece que ser marceneiro e jardineiro é muito mais divertido!
- Você não tenha a menor dúvida disto, Cássio. Respondeu o senhor Alexandre, rindo.

Assim, prosseguiram na caminhada levando a cadeira consertada para a mãe de Cássio. E ela gostou:

- A cadeira ficou ótima, pai! Que bom! Muito obrigada!

A mãe de Cássio mãe sempre procurava dar alguma coisa para o seu avô fazer. Ela pedia para ele consertar objetos em casa. Ela pedia para ele ir à padaria ou açougue comprar alguma coisa. E seu avô recebia estas incumbências com muita alegria.

E ela explicava para Cássio:

- Cássio, seu avô foi um homem muito ativo. Ele não consegue ficar parado, tem que sentir que está sempre ajudando.
- Era no trabalho que ele procurava esquecer a falta de minha mãe, que faleceu. Ela era sua avó que você somente conheceu nos retratos. Ele não conseguia se imaginar parado, sem sua avó como companhia. Completou a mãe de Cássio.
- Ah, entendi. Coitado do vovô! Disse Cássio, lamentando.

À tarde, depois que vovô tirou o seu costumeiro soninho após o almoço, Cássio voltou a procurá-lo e foram junto à padaria para comprar pão para o café da tarde.

Enquanto caminhava, Cássio continuava com sua bateria de perguntas:

- Vê, por que o senhor só tem dois amigos? Eu tenho muitos, muitos amigos!

- Você se refere ao senhor Fernando e senhor Pedro? Perguntou o senhor Alexandre.

- Sim, vô. Eu somente vejo estes dois amigos visitarem o senhor! O senhor tem poucos amigos! Respondeu Cássio.

- È verdade, Cássio. Eu tenho hoje somente estes dois amigos. Mas, são amigos de verdade! Respondeu o senhor Alexandre.

- Eu, vô, tenho mais de mil amigos! Afirmou Cássio todo orgulhoso.

- Meu Deus, querido neto! Mais de mil amigos? São muitos amigos! E quantos destes são seus amigos de verdade? Indagou o senhor Alexandre.

- Como assim, vô? Não entendi! Eu acho que todos eles são meus amigos de verdade! Respondeu Cássio.

- Cássio, veja bem. Na vida nós nos vemos, conhecemos ou convivemos com muitas pessoas. A maioria é de desconhecidos, uma parte é de conhecidos, outra parte menor é de colegas, outra parte, menor ainda, é de amigos. Mas, amigos de verdade são poucas pessoas que têm! Eu tive a sorte de ter dois amigos de verdade, o senhor Fernando e o senhor Pedro.

- Vô, o senhor confundiu minha cabeça agora. Explica melhor isto para mim! Pediu Cássio.

- Ah, Cássio! Sua irmã Selma tem toda razão. Quando você quer saber alguma coisa, você não dá trégua! Bem, o vovô vai tentar explicar da forma mais simples possível. Respondeu o senhor Alexandre.

E o senhor Alexandre deu sua definição:

- Desconhecidos, são aquelas pessoas que vemos e cruzamos com elas quando estamos nas ruas, nos shoppings, nos cinemas, nas igrejas, nos

parques e em todos os lugares que vamos. Nós não sabemos nada a respeito deles, seus nomes, onde eles moram, o que fazem.

- Conhecidos, são as pessoas que vemos com maior frequência nos lugares onde convivemos, como nossa rua, nossa escola, nossa igreja, nos shoppings onde passeamos. Enfim, são pessoas que vemos e gravamos suas fisionomias. Nós falamos pouco ou nada com elas, sabemos alguma coisa ou nada sobre elas, podemos dar um “Alô” quando cruzamos, mas não há relação de amizade com elas. Por exemplo, eu posso dizer que conheço o vizinho da rua de baixo, cruzo com ele ganho uma consciência de que ele mora próximo de casa. Mas, não posso dizer que ele é meu amigo.

- Já os colegas, são pessoas com as quais convivemos com muita frequência. Eles podem ser colegas de classe da escola onde estudamos, colegas da academia de ginástica, ou da escola de música, colegas do jogo de futebol, colegas que moram em nossa rua ou em nosso prédio. Geralmente, sabemos os seus nomes e mantemos algum grau de conversa ou atividades em conjunto. Mas, não passa disto. Não se estabelece uma relação de amizade mais próxima. Conhecemos, fazemos algumas coisas juntos, brincamos, estudamos. Mas, nada em profundidade quanto a uma relação de amizade.

- Agora, vêm os amigos. Estes sim! Os amigos nós conhecemos muito bem, sabemos seus nomes, onde estudam, o que gostam, onde moram, podemos conhecer seus pais e seus irmãos, fazemos passeios juntos, jogamos e brincamos juntos com frequência, frequentamos a casa um do outro, um ajuda o outro em uma necessidade, os convidamos para as nossas festas, trocamos mensagens e telefonemas.

- É isto aí, Cássio! Deu para você entender melhor agora? Finalizou o senhor Alexandre.

- Deu sim, vô! Agora eu entendo que eu tenho muitos conhecidos, vários colegas e alguns amigos. Mas, o senhor não falou do amigo de verdade! Respondeu Cássio.

- Este amigo, meu querido neto, você terá que procurar e, um dia que encontrá-lo, saberá que está diante de um amigo de verdade!

Cássio ficou refletindo por vários dias sobre a conversa que tivera com seu avô Alexandre. E, quando saía com sua mãe, andava pela rua onde morava, ia à escola, entre outros lugares, Cássio observava e se divertia classificando as pessoas:

- Aquele é um desconhecido, não sei nada sobre ele e o estou vendo pela primeira vez...

- Já aquele homem é um conhecido, sei que ele é Porteiro do prédio no final da rua. Eu não sei seu nome, nem sei nada sobre sua vida. Apenas, ele me dá um 'oi' quando passar por mim na rua, dirigindo-se para o trabalho. Mas, eu gravei sua fisionomia e posso reconhecê-lo em qualquer outro lugar.

- Ah! Estes são meus colegas de classe! Eu os vejo todos os dias na escola, eu sei os nomes da maioria deles, de vez em quando conversamos, brincamos no recreio da escola e jogamos futebol juntos. Mas, não sei muita coisa da vida deles, como é sua família, o que gostam de fazer aos finais de semana e nas férias, o que querem ser na vida quando crescerem, eles não me convidam para seus aniversários. São meus colegas, não posso chamá-los de amigos. Vovô tinha razão!

- Agora, o Keizo, o Renato, o Nelsinho, o Otávio, o Jorge, o Fiote, o Renério, o Inhuca, o Dinho, a Loreta, a Doracy, a Clara, o Mario, o Adilson, o Rafael, o Ricardo, o Cláudio e o Mário são meus amigos! Nós estamos sempre juntos, nos vemos aos finais de semana, estudamos em grupo, um convida o outro para sua festa de aniversário, nossas mães se conhecem, às vezes um acompanha o outro em viagens e passeios. Quando chegamos na escola, sempre procuramos nos ver e ficamos contentes em manter contato frequentes. Quando eu fiquei doente, estes meus amigos vieram me visitar para me dar apoio. E eu fiz o mesmo quando eles estiveram doentes. Damos preferência que um joga no time do outro nas competições esportivas da escola. Quando um está ameaçado, todos veem em seu socorro. Quando um tem dificuldades em alguma matéria da escola, logo procura ajuda com o outro que sabe melhor a matéria. Por exemplo, o Keizo é muito bom em matemática e todos recorrem a ele para sanar dúvidas. Eu sou muito bom em português e ajudo meus amigos quando precisam. Enfim, posso afirmar que somos amigos.

Cássio, apesar destas conclusões, ainda tinha uma grande dúvida:

- Mas, será que não somos amigos de verdade, conforme disse o vovô? Como saber se tenho um amigo de verdade ou não?

Esta dúvida incomodava Cássio até certo ponto. Mas, depois ele esquecia esta questão e se entregava à sua rotina diária em casa, na escola e com seus amigos.

Mas, um dia Cássio teve uma ideia - ele perguntaria ao seu avô Alexandre por que considerava o senhor Fernando e senhor Pedro como seus amigos de verdade! Ele concluía, achando-se brilhante:

- Agora, vovô terá que falar para mim o que é ser um amigo de verdade!

E foi em uma tarde chuvosa que Cássio aproveitou o sossego de seu avô sentado no banco da varanda da casa para se aproximar dele e perguntar:

- Oi, vovô! O senhor está bem? Os passarinhos não vieram comer no comedouro esta tarde! Deve ser por causa da chuva, não vovô? Mas, logo ela passa, né vovô? Vovô eu gosto de chuva, o senhor também gosta? Sabe vovô, eu hoje tive que fazer muita lição de casa...

O senhor Alexandre já conhecia muito bem seu neto Cássio. Quando ele começava com este bombardeio de perguntas, o senhor Alexandre sabia que ela queria chegar a um ponto maior e fazer a pergunta que, realmente, o motivou para a conversa:

- Muito bem Cássio. Mas, o que você realmente quer me perguntar! Disse o senhor Alexandre com um leve sorriso.

Cássio, encabulou mas, não perdeu o embalo:

- Ah, vovô! Eu queria saber por que o senhor acha que o senhor Fernando e o senhor Pedro são seus amigos de verdade?

O senhor Alexandre ficou quieto por uns instantes, pensando na pergunta do seu neto, que não era assim tão fácil de ser respondida. Mas, depois de alguns minutos de silêncio, ele começou a falar:

- Ora, Cássio! Eu até nem sei bem direito. Foram acontecendo coisas em nossa amizade, que esta permaneceu até os dias de hoje, cada vez mais forte, mesmo depois de mais de cinquenta anos!

E o senhor Alexandre continuou:

- Nós aprendemos a ir longe em nossa amizade, estando dispostos a perdoar os pequenos defeitos um ao outro;

- Cada um de nós procurava a amizade de uma pessoa digna. Assim, cada um de nós desenvolveu as qualidades que admirava na outra pessoa;

- Percebemos que a amizade desenvolvia a felicidade e reduzia o sofrimento, duplicando a nossa alegria e dividindo a nossa dor;
- Nós descobrimos que uma verdadeira amizade nos permite falar, ao amigo, de todos os seus defeitos e de todas as nossas qualidades;
- Nós nunca alardeamos nossa amizade, apenas a sentimos;
- Com nossa amizade, nós sentimos um conforto, difícil de descrever, de nos sentirmos seguros um com o outro, sem ser preciso pensar o que se pensa, nem medir o que se diz;
- Nós nunca deixamos de dar atenção às nossas manifestações de amizade. Assim, nunca perdemos esse sentimento;
- Todos nós queríamos esta amizade. Assim, todos são conhecedores da felicidade um do outro;
- A felicidade da amizade entre nós nos dá muito prazer, nos enriquece, não nos tira nada;
- Nós nunca nos traímos ou fomos mau caráter um com o outro. Uma amizade profunda não resistiria a isto;
- Nossa amizade é uma espécie de sentimento de amor, mas menos egoísta, mais puro e desinteressado;
- Nós não buscávamos amizade, nós não sonhávamos com amizade, nós não desejávamos amizade. Nós apenas a exercíamos com muito prazer e disposição;
- Nossa amizade sempre foi uma marcha a três para a frente;
- Desde cedo descobrimos que para ter um amigo de verdade, precisamos ser amigo de verdade;
- Nunca exigimos nada um do outro, mas, sempre que necessário, nós concedíamos.

E, tomando fôlego um pouco e servindo-se de um copo com água, o senhor Alexandre finalizou:

- Sabe, meu querido neto, este é o primeiro preceito da amizade - pedir ao amigo só aquilo que é honesto e fazer por ele apenas aquilo que é honesto. As pessoas realmente ligadas por uma amizade de verdade não precisam de ligação física. Quando se reencontram, mesmo depois de muitos anos afastados, sua amizade é tão forte quanto sempre foi!

Ao ouvir tudo isto, mesmo sem entender profundamente tudo o que seu avô Alexandre lhe dissera, Cássio suspirou, deu um beijo no rosto de seu avô e disse:

- Vô, você é o melhor avô do mundo!

E, enquanto se dirigia ao seu quarto para mais um turno de estudos, Cássio pensou:

- Será que, um dia, eu vou encontrar um amigo de verdade como o vovô encontrou? Nossa! Não é nada fácil encontrar um amigo de verdade como o vovô encontrou! Mas, eu vou procurar...

Cássio tinha entre os seus conhecidos, colegas e amigos, 18 crianças que ele considerava seus melhores amigos. E, quem sabe, alguns deles seriam seus amigos de verdade com o tempo...

E nesta busca incessante para encontrar seus amigos de verdade, Cássio começou a observar com maior atenção as reações e sentimentos destes seus amigos. E fez descobertas importantes!

- Minha amizade com o Keizo, o Renato, o Nelsinho, o Otávio, o Jorge, o Fiote, o Renério, o Inhuca, o Dinho, a Loreta, a Doracy, a Clara, o Mario, o Adilson, o Rafael, o Ricardo, o Cláudio e o Mário já dura mais de cinco anos e nossa amizade está cada vez mais forte!

Mas, o passar do tempo mostrou outras realidades para Cássio...

O Keizo mudou-se com sua família para o Japão e nunca mais se comunicou com o Cássio.

O Renato começou a namorar e tornou-se muito ciumento. Assim, foi se isolando de todos os seus amigos, inclusive de Cássio.

O Nelsinho começou a ajudar seu pai na mercearia. Trabalhava de dia, estudava à noite. Não encontrou mais tempo para os seus amigos e se afastou de todos, inclusive de Cássio.

O Otávio mudou-se para o interior, desenvolveu novas amizades e esqueceu-se de suas amizades anteriores, inclusive a de Cássio.

O Jorge foi estudar em outra escola não se relacionando mais com seus amigos da escola onde estudava, inclusive o Cássio.

O Fiote foi morar com sua avó no Nordeste e não deu mais notícias, inclusive para o Cássio.

O Renério foi trabalhar com seu pai em uma gráfica, parou de estudar e desapareceu do convívio com seus amigos, inclusive com o Cássio.

O Inhuca mostrou-se um amigo falso e invejoso e foi afastado pelo grupo.

O Dinho era o mais velho, ficou moço e achava que devia se relacionar com amigos com maior idade e desenvolveu amizades com jovens de mau comportamento. Assim, ninguém mais o procurou, inclusive o Cássio.

A Loreta, a Doracy e a Clara ficaram adolescentes, eram mulheres já feitas e começaram a namorar. Assim, descobriram uma nova vida para elas e se esqueceram de seus amigos da escola, inclusive de Cássio.

O Mario e o Adilson simplesmente se desinteressaram em continuar a amizade com o grupo e partiram para novos interesses em suas vidas. Esqueceram-se também de Cássio.

Do grupo dos 18 amigos de Cássio restaram apenas quatro - o Rafael, o Ricardo, o Cláudio e o Mário.

- Será que eles serão meus amigos de verdade para sempre? Questionava-se Cássio com muita dúvida em seu coração.

Outros conhecidos, colegas e amigos apareceram na vida de Cássio. Assim, ele aprendeu que os conhecidos, colegas e amigos se renovam. Somente os amigos de verdade continuam para sempre.

Mas, ele não tinha encontrado, ainda, um amigo que pudesse classificar como 'amigo de verdade'. Com seus amigos mais próximos, o Rafael, o Ricardo, o Cláudio e o Mário, com quem ele mantinha frequentes contatos, Cássio ainda não tinha comprovações suficientes para considerá-los 'amigos de verdade', como definido pelo seu avô Alexandre. Igualmente, ele não se avaliava como 'amigo de verdade' deles! Nem houve um tempo para isto, uma vez que era uma amizade de poucos anos...

Esta história de encontrar um ‘amigo de verdade’ estava tão forte na cabeça de Cássio que uma noite ele sonhou que era uma lagarta rejeitada pelos outros animais da floresta. Triste, ela procurou pelo Conselho das 12 Corujas Sábias para receber algumas sugestões de como poderia conseguir amigos.

Ao acordar deste sonho, Cássio ainda se lembrava dos 12 sábios conselhos dados pelas corujas à pobre lagarta rejeitada:

1 - “Olhe para os filhotes com um sorriso e carinho. Pergunte aos filhotes do que gostariam de brincar”.

2 - “Faça elogios, seja gentil com os filhotes. Interesse-se pelo o que os seus amigos gostam de fazer quando estão nas tocas e não estão comendo”.

3 - “Convide seus amigos para saírem juntos. Nunca se irrite quando os filhotes não tiverem a mesma opinião que você”.

4 - “Faça com que os filhotes sintam-se bem ao seu lado, seja alegre. Nunca fale mal de um filhote para o outro”.

5 - “Não tente ser mais que os outros filhotes. Cultive as amizades com o coração e perceberás quem são seus verdadeiros amigos”.

6 - “Não se envolva em brigas, nunca use da violência para impor sua vontade. Não dê importância, se algum filhote disser que falaram mal de você”.

7 - “Se algo a incomodar, deixe o grupo naturalmente, não mostrando irritação. Mostre sempre confiança em você. Aprenda a aceitar e pedir desculpas”.

8 - “Jamais comente com algum filhote, se ouvir falar mal dele. Não seja fofoqueiro”.

9 - “Promova festas e piqueniques e convide seus amigos. Desafie-se a conquistar os filhotes que, aparentemente, não gostam de você”.

10 - “Não seja excessivamente competitiva em opinião, em jogos, em brincadeiras. Não queira ganhar todas. Não tenha medo de perder. Ganhar e perder faz parte do aprendizado na vida”.

11 - “Estabeleça um relacionamento mais verdadeiro e duradouro com aqueles que mais se identificam com você. Procure fazer trabalhos junto com seus amigos, procurando cada um melhorar os conhecimentos do outro”.

12 - “Seja um bom companheiro e amigo para todas as horas. Quando algum filhote for melhor que você, não mostre desapontamento e tristeza, ao contrário, dê os parabéns e elogie-o. Compare o comportamento dos filhotes bem sucedidos nas amizades e procure adotá-lo”.

Cássio se lembrou, ainda, que a coruja mais velha se aproximou da lagarta e disse baixinho:

- Saiba que você não conseguirá a amizade de todos os filhotes! Mas, é importante que você tenha um número de amigos verdadeiros convivendo com você!

Cássio achou o sonho muito engraçada, mas gostou das sugestões do Conselho das 12 Corujas Sábias! E lamentou não ter conhecido o final da história e se a pobre lagarta rejeitada conseguiu ou não amigos.

E sua vida continuou...

Apesar de ser muito mimado por todos de sua casa, Cássio era um menino carinhoso, disciplinado, obediente e muito simpático.

E sua coleção de brinquedos era algo de impressionar. Cássio recebia muitos brinquedos de seus pais, avós e tios em seu aniversário, no Dia das Crianças, na Páscoa e no Natal.

Mas, nem sempre, Cássio era um menino alegre e feliz.

E isto acontecia quando ele espalhava as dezenas de brinquedos que ganhava no jardim da frente da sua casa para brincar.

Ora ele alinhava os carrinhos em fila, como um congestionamento nas ruas. Ora, montava o seu trenzinho, com uma locomotiva e oito vagões. Ora ele provocava uma guerra entre os bonecos super-heróis que tinha e seus terríveis inimigos.

Mas, de repente ele se desinteressava por tudo o que estava fazendo. Ele se cansava das mesmas brincadeiras e de arrumar tantos brinquedos em sua caixa de brinquedos.

Nestas ocasiões ele parecia ficar triste, deixando que tédio apagar sua alegria. Assim, guardava a caixa de brinquedos em seu quarto e andava pela casa procurando o que fazer, comendo alguma coisa e arrumando o seu material escolar.

Mas, passados dois ou três dias, ele se motivava novamente a brincar com os seus brinquedos no jardim da frente da sua casa.

Arrastando sua caixa de brinquedo, que ficava cada dia mais pesada, ele espalhava as dezenas de brinquedos.

Ele tentava inventar brincadeiras diferentes. Mas, quando via, estava novamente, alinhando os carrinhos em fila, como um congestionamento nas ruas, montando o seu trenzinho ou travando uma guerra entre os bonecos super-heróis e seus terríveis inimigos.

E foi em uma destas tardes de brincadeiras que algo mágico aconteceu na vida de Cássio.

Cássio estava distraído com os seus brinquedos quando notou um menino olhando para ele, se apoiando na grade com as duas mãos e enfiando a cabeça no meio da grade.

Era um menino pobre que acabara de pegar, no lixo da casa, papelão e latínhas de alumínio, colocando-as em seu carrinho de mão.

O menino parou um pouco com seu trabalho para admirar as brincadeiras de Cássio, enquanto o seu carrinho de mão aguardava na calçada.

Cássio olhou para os dois olhos escuros e brilhantes do menino e continuou com suas brincadeiras.

E Cássio lembrava-se da presença do menino, quando o ouvia rir das suas brincadeiras, principalmente, nas lutas entre os super-heróis e seus inimigos.

E quanto mais o menino ria, mais Cássio se empolgava e dava força aos seus personagens super-heróis, que venciam facilmente seus terríveis inimigos. Cássio estava gostando de ouvir as risadas do desconhecido menino.

Cássio somente parou por uns instantes, quando ouviu Amélia gritar lá de dentro da casa:

- Cássio! Seu lanche e seu suco já estão prontos. Entre e venha comer, senão sua mãe vai ficar brava comigo!

Cássio obedeceu, ele já estava com fome.

Quando voltou, notou que o menino já tinha ido embora.

Afinal de contas, o menino pobre tinha que encher o carrinho de mão com mais papelão e latinhas de alumínio, que o esperavam nas dezenas de latas de lixo do bairro.

Cássio se desinteressou em continuar brincando neste dia.

Nos dias que se seguiram de brincadeiras no jardim da frente da casa, Cássio olhava de vez em quando para a grade de ferro.

Ele procurava pelos olhos escuros e brilhantes do menino. Parecia que as risadas de satisfação do menino o motivavam para as suas brincadeiras.

E Cássio pensou:

- É a primeira vez que eu vejo um menino rir de minhas brincadeiras! Meus outros amigos, quando estão comigo, brincam e se divertem, cada um com suas brincadeiras. Ou discutem comigo quando querem trocar ou emprestar um brinquedo e eu não quero. O menino ficou alegre com minha alegria!

Em uma tarde, Cássio foi surpreendido, novamente, pelo menino. Desta vez, ele estava compenetrado em separar da lata de lixo da casa de Cássio as latinhas de alumínio e papelão. O Natal estava se aproximando.

Mas, quando o menino ia seguindo o seu caminho, Cássio o chamou:

- Ei, menino! Qual o seu nome?

- Fiote!

- O meu é Cássio! Por que você pega estas coisas do lixo?

- Ah, eu pego latinhas de alumínio e papelão para vender e ajudar minha mãe!

- Mas, você não vai à escola? Não brinca? Não tem brinquedos?

- Não. Mas, um dia eu quero estudar sim! Quero ser um professor! Eu não tenho tempo para brincar. De vez em quando, eu jogo futebol com bola de meia com meus amigos na favela. Eu jogo futebol muito bem! E faço meus próprios brinquedos! O resto do meu tempo eu saio catando latinhas de alumínio e papelão.

- Nossa! Você faz os seus próprios brinquedos!

- Sim! Respondeu o menino, se retirando às pressas da frente da casa de Cássio.

Cássio nunca tinha conhecido um menino assim. Mas, gostou dele. Não sabia explicar, mas gostou dele. Fiote lhe parecia um bom menino.

Mas, algumas pessoas poderiam achar que Fiote não era um bom menino para brincar com Cássio em razão de suas roupas sujas, rasgadas, pés descalços e pelo fato de morar na favela!

Estas pessoas estariam agindo com preconceito!

(Preconceito? Não sabe o que esta palavra quer dizer? Senta que lá vem aula! Preconceito é formar uma opinião ou dar um conceito sobre uma pessoa ou assunto antes de ter os conhecimentos adequados. É uma opinião ou sentimento desfavorável sobre uma pessoa ou assunto, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão. Atitudes discriminatórias contra pessoas de outra classe social. Manifestação hostil ou desprezo contra indivíduos ou povos de outras raças. É a manifestação de intolerância contra indivíduos ou grupos que seguem outras religiões ou costumes. Estes são alguns exemplos de preconceito).

Alguns dias se passaram e Cássio não viu mais o estranho menino de nome Fiote passar pelo lixo de sua casa à cata de latinhas de alumínio e papelão.

- Será que ele ficou doente? Questionava-se Cássio, com certo ar de saudades.

Ele gostava que Fiote o visse brincar com seus brinquedos espalhados pelo chão na frente da casa.

Mas, Fiote estava de volta. Uma tarde Cássio arrumava seus brinquedos para mais uma tarde de passatempo. Entre eles, uma gira-gira com palhaços que caíam das cadeirinhas e ficavam no chão nas posições mais engraçadas.

E Cássio ouviu uma risada que vinha da grade do jardim.

- Oi, é você Fiote! Você estava desaparecido!
- Eu fiquei em casa nestes dias. Minha mãe estava doente e eu fiquei tomando conta da casa.
- Mas, você está sem o carrinho de mão hoje! Não está pegando mais latinhas de alumínio e papelão?
- Estou sim! Mas, hoje eu vim mostrar para você o meu caminhão de madeira. Eu mesmo fiz! Você quer brincar com ele?
- Claro que quero!

Cássio pegou através da grade do jardim o pequeno caminhão de madeira feito por Fiote. O caminhão era feito de um pequeno pedaço de tábua. Um pedaço quadrado de caibro fazia a vez de um motor. As rodas eram de tampinhas de lata de refrigerantes pregadas no pedaço de tábua. No pedaço de caibro, apareciam dois botões brancos colados, imitando faróis.

- Puxa! Que legal! Eu nunca tinha visto um brinquedo assim! Disse Cássio com sinceridade.

Cássio tentou andar com o caminhão no piso do jardim, mas as rodinhas não rodavam.

- Mas, as rodas não rodam Fiote? Perguntou.
- Rodam, sim. Mas, elas rodam somente em chão de terra. Lá na favela todas as ruas e dentro de minha casa o chão é de terra! Explicou Fiote.
- Fiote, você gosta de morar na favela? Perguntou Cássio.
- Sim! Gosto muito! Eu me divirto muito lá. Na favela tem bichinhos que andam soltos pelas ruas, como patos, galinhas, coelhos, gatos, cachorros. De vez em quando, aparecem alguns ratos. Aí, os gatos correm atrás dos ratos, os cachorros correm atrás dos gatos, os patos e as galinhas saem correndo gritando para fugir da confusão, os coelhos se escondem nos buracos do chão. É muito divertido mesmo. Tem um córrego que corta a favela. Nos dias de calor, eu refresco meus pés na água. Minha mãe acha ruim, dizendo que a água é suja! À noite, eu durmo contando as estrelas e vendo a lua através dos buracos que tem nas telhas de zinco do meu barraco.

Cássio ouviu Fiote com atenção, procurando imaginar a cena dos gatos correndo atrás dos ratos, os cachorros correndo atrás dos gatos e os patos e as galinhas fugindo apavoradas.

E, tentando retribuir o presente de Fiote, perguntou:

- Fiote, você quer brincar com algum de meus brinquedos!
 - Eu posso?
 - Claro que pode. Respondeu Cássio.
 - Bem, eu gostaria de brincar com aquele ali!
 - Qual que você está falando? Perguntou Cássio.
 - Aquele ali, perto do Homem Aranha!
 - Ah! Este aviãozinho? Quis saber Cássio.
 - Isto é um avião?
 - Claro que é um avião! Você nunca viu um avião? Respondeu Cássio achando graça na pergunta de Fiote.
 - Eu só vi no céu. Mas, nunca tinha visto assim de pertinho.
- Fiote pegou o avião de plástico e o girava admirando todos os detalhes.
- Cássio, o que são estes buraquinhos todos iguais no avião?
 - Estas são as janelinhas. Lá dentro, em cada janelinha, tem os bancos onde sentam os passageiros! Explicou Cássio.
 - É uma janelinha para cada passageiro?
 - Fiote, tem aviões de todos os tamanhos. Quando eu fui para a Disney, o nosso avião tinha três poltronas perto da janela. Meu pai sentou-se na poltrona do corredor. Minha mãe na poltrona do meio. E eu na poltrona da janela! Esclareceu Cássio.
 - Disney? Perguntou Fiote.
 - Sim! Você nunca ouviu falar na Disney? Respondeu Cássio.

- Não! Nunca! Disse Fiote.
- A Disney é um lugar nos Estados Unidos onde podemos visitar vários parques de diversão! Lá a gente pode se divertir com milhões de atrações e brinquedos! Disse Cássio.
- Milhões? Quanto é 'milhões'? Perguntou Fiote.
- Ora, Fiote. Milhões são muitos, muitos brinquedos onde a gente pode ficar dias se divertindo e, mesmo assim, não conhece todos! Respondeu Cássio.
- Ah! Já sei! Uma vez, perto da igreja onde moro, tinha um parquinho de diversões. E lá tinha 'milhões' de brinquedos, também. Eu fui no Trem Fantasma. Quase morri de medo! Disse Fiote.
- Fiote, você é mesmo muito engraçado. Eu gostaria de ver sua cara de apavorado quando saiu do Trem Fantasma! Disse Cássio.
- E como o avião faz para voar? Ele bate asas como os passarinhos? Perguntou Fiote.
- Não, Fiote. Você é muito curioso! Aviões não batem asas! Explicou Cássio.
- Mas, então, como eles conseguem voar?
- Bem, eu não sei muito bem. Mas, pelo que meu pai me explicou um dia no aeroporto, as hélices puxam o ar para trás e as asas cortam o vento e conseguem ficar no ar! Disse Cássio.
- Mas, como o avião sobe e desce?
- Fiote, você está vendo estes pequenos lemes nas asas? Quando os lemes são movidos para baixo ou para cima, o avião desce ou sobe, vira para a direita ou para a esquerda. Respondeu Cássio.
- Entendi mais ou menos. Mas, como o avião para quando ele desce no chão?
- Bem, aí eu já não sei! Você está querendo saber demais! Respondeu Cássio, já um pouco impaciente com tantas perguntas.

- Nossa, mas como o avião é lindo. Sabe? Eu acho que não vou ser mais professor, não. Eu vou ser motorista de avião!

- Não é motorista de avião, Fiote. Quem dirige um avião, ou melhor, quem pilota um avião, é chamado de piloto. Você quer ser um piloto!

- Isto mesmo, eu vou ser um piloto de avião!

Em seguida, Fiote pegou o aviãozinho e saiu correndo segurando o avião na mão direita e levantando o braço esquerdo, como se ele mesmo fosse um avião.

E ele fazia acrobacias com o pequeno avião de plástico, ora subindo ou descendo, ora virando para esquerda ou para a direita. E procurava imitar o som do avião que ouvia lá do céu, quando um avião cruzava a favela: ‘uuuóóóóó uuuóóóóó’.

E Fiote ria, sozinho, feliz e alegre, em seu mundo de sonho, imaginando-se já como o piloto da pequena aeronave.

Após alguns minutos, Fiote voltou e devolveu o avião para Cássio.

Cássio nunca tinha visto uma criança brincar com o avião como Fiote brincou.

- Isto sim é que é brincar de verdade! Pensou.

E antes de Fiote ir embora, Cássio perguntou:

- Você quer trocar o seu caminhãozinho de madeira pelo meu avião?

- Você trocaria? Respondeu Fiote surpreso.

- Sim! Trocaria!

- Mas, sua mãe não vai ficar brava? Continuou perguntando Fiote, ainda não acreditando na troca.

- Eu acho que não! Eu tenho muitos aviões de brinquedo, mas não tenho nenhum caminhãozinho de madeira!

E Fiote pegou o avião e foi embora. Cássio o via correndo pelas ruas, em direção à favela, imitando ser o piloto do avião e sua risada se ouvia de longe.

- Ah! Este Fiote é mesmo muito engraçado! Pensou Cássio, juntando os outros brinquedos na caixa e entrando feliz em sua casa.

A tarde terminava com um lindo por do Sol, que foi observado por poucas pessoas.

Alguns dias se passaram. Era véspera de Natal. Cássio não via o Fiote desde o dia em que trocaram o caminhãozinho de madeira pelo avião.

À noite, enquanto a família de Cássio fazia a ceia de Natal, Cássio notou que alguém remexia o lixo de sua casa.

Era Fiote recolhendo as latinhas de alumínio e papelão. O seu carrinho de mão já estava tão cheio que ele mal conseguia carregar.

Imediatamente, ele parou de jantar e foi ao encontro de Fiote:

- Fiote! Você por aqui! Mas, você não vai comemorar o Natal?

- Vou sim! Esta é a minha última viagem! Eu já fiz quatro viagens hoje, levando o meu carrinho de mão cheio de latinhas de alumínio e papelão! A véspera de Natal é o melhor dia para se recolher o lixo nas casas. Tem muitas caixas de papelão dos brinquedos que as crianças ganham e centenas de latinhas! Explicou Fiote todo entusiasmado.

- Mas, e a ceia de Natal? Insistiu Cássio.

- Eu já estou indo para casa. Hoje é um dia especial. Minha mãe preparou frango com polenta e vai ter até refrigerante! Ela fez, também, doce de banana. Respondeu Fiote, mostrando que já tinha terminado o seu trabalho e que estava com fome para jantar com sua mãe.

- E o que você vai ganhar do Papai Noel? Quis saber Cássio.

- Ah! Eu não vou ganhar nada. Onde eu moro as ruas não têm nome, as casas não têm números. Eu acho que Papai Noel não encontra o meu barraco. Todos os dias de Natal são assim! Disse Fiote.

Dizendo isto, Fiote olhou carinhosamente para Cássio, pegou o seu carrinho de mão e foi embora, escondido atrás da pilha de papelão e latinhas, seguindo, apressadamente, em direção à favela.

Cássio ficou na calçada por alguns instantes, até ver Fiote desaparecer na curva de uma esquina.

Cássio voltou lentamente para o seu lugar na mesa de jantar e aparentava estar triste. Dona Kátia logo notou esta tristeza em seu filho.

- Cássio, tudo bem querido? O que você foi fazer lá fora? Perguntou dona Kátia.

- Era o Fiote, mãe. Ele estava recolhendo os papelões das caixas de meus brinquedos e as latinhas de alumínio. Mas, ele estava com pressa. Sua mãe o esperava para a ceia de Natal. Ele estava contente que iria jantar frango com polenta e tomar refrigerante. Respondeu Cássio.

Em seguida, Cássio perguntou:

- Mãe, o Papai Noel não entrega brinquedos nas ruas que não têm nome e nas casas que não têm número?

Dona Kátia, estranhando a pergunta de Cássio quis saber?

- Mas, por que você está me perguntando isto, Cássio?

- O Fiote, mãe, nunca ganhou presentes do Papai Noel. Ele acha que o Papai Noel não encontra sua casa na favela. Respondeu Cássio, não conseguindo esconder sua tristeza por Fiote.

Dona Kátia e o senhor William se olharam e procuravam uma resposta à pergunta de Cássio.

- Bem, Cássio. Os homens precisam descobrir como mostrar para o Papai Noel onde moram estas crianças. Assim, um dia, o Papai Noel encontrará todas as casas onde moram crianças, ricas ou pobres, nas ruas com nome ou sem nome, nas casas com número ou sem número.

E Cássio continuou com suas perguntas:

- Mãe, por que a senhora nunca fez frango com polenta no Natal? Aliás, eu não me lembro de ter comido frango com polenta um dia!

Dona Kátia pensou por alguns longos segundos e respondeu:

- Cássio, cada família tem seus hábitos particulares quanto às comidas. Umam gostam de uma coisa, outras de outra coisa. No Natal, nós gostamos de comer peru assado, bacalhau, carne assada, entre outras coisas. E gostamos de fazer várias sobremesas, como pudim, manjar, pavê, além das frutas.

- Mãe, um dia a senhora faz frango com polenta para mim? Eu fiquei com vontade! Disse Cássio.

- Claro, a mamãe faz sim! Respondeu dona Kátia.

E Cássio fez sua última pergunta da ceia de Natal:

- Mãe, eu gostaria de dar meus brinquedos usados para o Fiote e seus amigos na favela! Eu já tenho muitos brinquedos e ganhei mais ainda da vovó, dos tios, além da senhora e do papai neste Natal!

Dona Kátia e o senhor William ficaram surpresos e emocionados com esta decisão de Cássio. Ele nunca tinha demonstrado este sentimento. Pior que isto, ele sempre foi muito ciumento e até egoísta com os seus brinquedos.

- O que será que fez ele mudar assim?. Perguntavam-se.

A resposta estava em Fiote. Fiote, com seu jeito simples, sua alegria espontânea, a sinceridade de suas emoções, encantaram Cássio. Fiote parecia ser um amigo de verdade.

Mas, Cássio aguardava, ainda, a resposta de seus pais.

- Cássio, você tem certeza de que quer fazer isto? Não vai se arrepender depois? Perguntou o senhor William.

- Quero sim, pai. Não vou me arrepender não! Tenho a certeza disto!

- Bem, agora já é tarde da noite e Fiote deve estar até dormindo a esta hora. Mas, amanhã vamos à favela entregar os seus brinquedos. E eu vou comprar vários saquinhos com doces e guloseimas. Disse dona Kátia.

Cássio dormiu feliz e profundamente aquela noite de Natal, com a consciência que tinha que fazer algo importante no dia seguinte.

O Dia de Natal pela manhã é de preguiça para quase todas as crianças. Elas comeram muito na Ceia de Natal, brincaram com os novos brinquedos até tarde da noite. E ficaram exaustas.

Mas, isto não ocorreu com Cássio.

Logo cedo, ele pulou da cama e começou a separar os brinquedos que levaria para o Fiote e seus amigos na favela.

Em pouco tempo, ele encheu três caixas de papelão com mais de 60 brinquedos de todos os tipos.

Dona Kátia e o senhor William ainda dormiam pesado, quando Cássio bateu na porta do seu quarto.

- Mãe, pai! Vocês estão acordados? Vocês não se esqueceram que vamos levar os brinquedos para o Fiote e seus amigos, não?

- Cássio, ainda é muito cedo, vá dormir! Respondeu seu pai muito sonolento.

- Cássio, vai separando os brinquedos que você quer dar para o Fiote. Logo a mamãe levanta, tomamos café e vamos! Disse dona Kátia, igualmente sonolenta.

Cássio percebeu que tinha que esperar:

- Mas, eu já separei os brinquedos! Por que será que os adultos dormem tanto? Pensou Cássio, esquecendo-se que ele mesmo era o maior dorminhoco da casa e que demorava para levantar-se para ir à escola.

Mas, naquele dia, Cássio estava ansioso para levar seus brinquedos ao Fiote.

Quando se está ansioso e motivado para fazer alguma coisa muito importante, a gente perde mesmo o sono, não é mesmo?

Ao levantar-se, dona Kátia disse ao Cássio:

- Cássio, a mamãe vai sair e, na volta, vamos levar seus presentes ao seu amigo Fiote.

- Mas, mãe, por que a senhora não sai depois que levarmos os presentes? Perguntou Cássio.

- Cássio, a mamãe quer ver se consegue comprar um presente muito especial ao Fiote. Mas, é surpresa!

Era dia de Natal e as lojas estavam fechadas. Mas, dona Kátia encontrou o que estava procurando e trouxe o presente embalado em uma linda caixa. Mas, o que seria?

Bem, chegou a hora de colocar as três caixas de papelão cheias com brinquedos do Cássio no carro e tomar o rumo da pequena favela próxima ao bairro onde moravam.

Ao chegarem à favela, dona Kátia procurou saber onde morava Fiote. Muitas crianças curiosas já se reuniam em volta do carro.

E todas sabiam onde morava Fiote:

- O Fiote mora no último barraco, próximo ao córrego, onde tem uma touceira de bananeiras!

Cássio olhava curioso o ambiente da favela. Ele nunca tinha estado lá antes. Ele achava interessante que as casas eram feitas de madeira, as pequenas ruas eram de terra e as casas não tinham grades e nem jardins.

Por todos os cantos ele via galinhas, patos, coelhos, gatos e cachorros. E Cássio se lembrou dos gatos correndo atrás dos ratos, os cachorros correndo atrás dos gatos e as galinhas, patos e coelhos fugindo apavorados da confusão!

Quando dona Kátia chegou à casa de Fiote, ele já preparava seu carrinho de mão para começar seu trabalho de catar papelão e latinhas de alumínio. As latas de lixo deveriam estar lotadas destes materiais recicláveis por ser dia de Natal.

(Materiais recicláveis. Você sabe o que são estes materiais e para que servem? Não? Então, senta que lá vem aula! Materiais recicláveis são todas as embalagens de produtos utilizadas pelos homens que podem ser recolhidas e enviadas às fábricas para serem novamente aproveitadas. Existem vários materiais recicláveis. Os principais são: plásticos, vidros, papel, papelão e latinhas de alumínio. A reciclagem de material é importante para preservar o meio ambiente onde vivemos, uma vez que possibilita menor exploração dos recursos naturais. Ou seja, quanto mais o homem reciclar, menos ele tem que retirar da natureza. Além disto, a reciclagem ajuda na sobrevivência de milhares de pessoas, como o Fiote e sua mãe).

Fiote ficou surpreso com a presença de Cássio e sua mãe.

- Cássio, você por aqui? O que aconteceu?

- Fiote, eu achei que você gostaria de receber estes brinquedos como um presente meu. São muitos. Você pode distribuir também para os seus amigos! Você aceita?

Fiote olhou, encantado, as três caixas de brinquedos. Ele mal podia acreditar. Ele nunca viu tanto brinquedos juntos.

- Nossa, Cássio! Que legal! Claro que aceito sim! Muito obrigado! Você foi o meu primeiro Papai Noel!

Cássio riu, se imaginando vestido de Papai Noel. E Fiote não esperou:

- Criançada! Venham aqui! Tem brinquedos para todos!

E dona Kátia e Cássio ficaram olhando a alegria e entusiasmo de dezenas de crianças, que moravam na favela, cercarem Fiote e as três caixas de papelão.

Em poucos minutos, todos os brinquedos e os saquinhos com guloseimas foram distribuídos.

A alegria era geral.

Dona Kátia olhava para Cássio e pode sentir que sua alegria de dar os brinquedos foi maior do que a alegria de receber os brinquedos!

Cássio sabia que Fiote tinha que partir com o seu carrinho de mão para mais uma jornada de trabalho e se apressou em despedir-se:

- Fiote, Feliz Natal! Em seguida, Cássio deu um abraço no Fiote.

Mas, dona Kátia ainda tinha uma surpresa:

- Fiote, este é um presente especial meu para você. Abra!

Fiote abriu a caixa e encontrou um presente que selaria o destino de sua vida - uma bola de futebol oficial!

- Uma bola de futebol de verdade! Que legal! Muito obrigado, dona Kátia. Este era o melhor presente que eu poderia receber! Disse Fiote.

Em seguida, Fiote pediu para Cássio esperar um pouco e se dirigiu à sua casa. Na volta, trazia uma bola de meia que ainda não tinha usado e deu de presente ao Cássio:

- Cássio, eu fiz esta bola com todo capricho. E estava esperando a outra rasgar para usar esta. Mas, gostaria que você a levasse de presente. Ela é muito boa para jogar futebol. Ela não machuca os pés. Você pode jogar com ela até descalço!

Cássio pegou a bola de meia com carinho e agradeceu Fiote:

- Legal! Gostei. Qualquer dia, vamos jogar futebol com ela juntos, combinado?

- Combinado! Respondeu Fiote.

Cássio olhou para sua mãe com um olhar terno e agradecido. Respirou fundo. Ele sentia algo que nunca havia sentido antes, uma felicidade e uma paz, como se Deus tivesse tocado o seu coração.

Na verdade, Cássio havia descoberto a felicidade que vem com a solidariedade e amor ao próximo!

Os dias se seguiram e Cássio não viu mais Fiote.

A favela onde ele morava foi derrubada para a construção de um novo condomínio de apartamentos. Cássio não sabia para onde Fiote tinha se mudado.

Muitos anos se passaram.

Cássio e Fiote eram agora dois jovens. Os dois amigos não tinham se visto ou falado mais.

Um dia, Cássio foi ao estádio de futebol de seu time do coração. Era um clássico, mas haveria um jogo de abertura era entre os times juvenis das duas seleções.

No time juvenil de seu coração, Cássio viu um rosto que lhe era familiar. Quando o jogador chegou perto, ele não teve dúvidas e gritou:

- Fiote, Fiote! Sou eu, Cássio!

Fiote parou a jogada, ficou paralisado olhando fixo para o alambrado.

Com passos lentos e automáticos ele foi em direção do rapaz que gritava seu nome. Ele nem ouviu o juiz apitar, mostrando o cartão vermelho e expulsando-o do jogo.

- Cássio, Cássio, mas que surpresa meu amigo! Você por aqui? Como está grande e forte! Disse Fiote com grande alegria nos olhos.

- Gordo, você quer dizer! Você também, meu amigo. Está grande e, pelo que vejo, se tornou um jogador de futebol. Respondeu Cássio.

- É verdade. Eu estou no juvenil, mas logo estarei no time profissional. A bola que sua mãe me deu de presente foi a inspiração para esta minha carreira! E você? Perguntou Fiote.

- Eu estou fazendo medicina. Vou ser um médico o ano que vem. Esclareceu Cássio.

- Puxa, mas que bom! Você sempre estudou demais. Quanto tempo se passou, não? Disse Fiote olhando o seu antigo amigo com todo carinho.

- Sim, mas quer saber de uma coisa? Até hoje eu me lembro dos nossos encontros na cerca do meu jardim quando a gente brincava. Respondeu Cássio sem esconder sua emoção.

- Nossa, eu também. Muitas vezes eu pensei em você e imaginava o que estaria fazendo. Aliás, eu guardo aquele aviãozinho e a bola de futebol oficial até hoje! Disse Fiote

- E onde você está morando agora? E como está Dona Maria? Perguntou Lucas, referindo-se à mãe de Fiote.

- Eu comprei uma casa para minha mãe. Agora ela não precisa mais fazer faxina, virou uma 'administradora do lar'. Minha mãe está bem. Mas, de vez em quando, ela sente saudades de suas amigas da favela. Ela diz que o pessoal da cidade vive muito isolado e as pessoas quase não falam umas com as outras. Ela acha que a vida na favela era mais animada e as pessoas mais amigas. Disse Fiote alegre e realizado.

Naquela tarde, os dois amigos se encontraram para comemorar o reencontro. Eles se abraçavam, riam de tudo.

De vez em quando, eles fingiam dar socos um no outro, como faziam no tempo de crianças.

Aproveitaram para falar de suas namoradas, de seus planos para o futuro, relembrar as brincadeiras.

Os dois se comprometeram a ser ver sempre para matar a saudades e manter a amizade.

Amigos de verdade são assim mesmo. Eles não têm preconceitos!

Eles se casaram, tiveram filhos e se encontravam sempre, um visitava a casa do outro, as famílias se conheciam, um ligava e mandava mensagens para o outro, quando um estava doente recebia a visita do outro, nos aniversários, um dava os parabéns para o outro.

Cássio e Fiote ficaram amigos para sempre.

E nada mais os separou...

Cássio e Fiote haviam, finalmente, encontrado seu primeiro ‘amigo de verdade’.

O avô de Alexandre já não estava mais nesta vida. Ele fizera sua partida final. Mas, Cássio sempre se lembrava dos seus pensamentos sobre o que era ser um amigo de verdade:

“Foram acontecendo coisas em nossa amizade, que esta permaneceu até os dias de hoje, cada vez mais forte, mesmo depois de mais de cinquenta anos!”.

“Nós aprendemos a ir longe em nossa amizade, estando dispostos a perdoar os pequenos defeitos um ao outro”.

“Cada um de nós procurava a amizade de uma pessoa digna. Assim, cada um de nós desenvolveu as qualidades que admirava na outra pessoa”.

“Percebemos que a amizade desenvolvia a felicidade e reduzia o sofrimento, duplicando a nossa alegria e dividindo a nossa dor”.

“Nós descobrimos que uma verdadeira amizade nos permite falar, ao amigo, de todos os seus defeitos e de todas as nossas qualidades”.

“Nós nunca alardeamos nossa amizade, apenas a sentimos”.

“Com nossa amizade, nós sentimos um conforto, difícil de descrever, de nos sentirmos seguros um com o outro, sem ser preciso pensar o que se pensa, nem medir o que se diz”

“Nós nunca deixamos de dar atenção às nossas manifestações de amizade. Assim, nunca perdemos esse sentimento”.

“Todos nós queríamos esta amizade. Assim, todos são conhecedores da felicidade um do outro”.

“A felicidade da amizade entre nós nos dá muito prazer, nos enriquece, não nos tira nada”

“Nós nunca nos traímos ou fomos maus caráter um com o outro. Uma amizade profunda não resistiria a isto”.

“Nossa amizade é uma espécie de sentimento de amor, mas menos egoísta, mais puro e desinteressado”.

“Nós não buscávamos amizade, nós não sonhávamos com amizade, nós não desejávamos amizade. Nós apenas a exercíamos com muito prazer e disposição”.

“Nossa amizade sempre foi uma marcha a três para a frente”.

“Desde cedo descobrimos que para ter um amigo de verdade, precisamos ser amigo de verdade”.

“Nunca exigimos nada um do outro, mas, sempre que necessário, nós concedíamos”.

“O primeiro preceito da amizade - pedir ao amigo só aquilo que é honesto e fazer por ele apenas aquilo que é honesto. As pessoas realmente ligadas por uma amizade de verdade não precisam de ligação física. Quando se reencontram, mesmo depois de muitos anos afastados, sua amizade é tão forte quanto sempre foi!”.

De seus quatro amigos, o Rafael, o Ricardo, o Cláudio e o Mário, os anos fizeram com que dois deles, o Cláudio e o Rafael, se tornassem ‘amigos de verdade’ de Cássio.

Assim, Cássio se orgulhava de ter mais ‘amigos de verdade’ do que seu avô:

- Vovô tinha dois ‘amigos de verdade’. Eu tenho três ‘amigos de verdade’. Eles são meus irmãos!

Por mais alguns anos, o senhor Fernando e o senhor Pedro continuaram se vendo como antes, até que eles também partiram para fazer companhia para o senhor Alexandre, o avô de Cássio...

Ah! Uma última coisa antes de terminar esta história! Você se lembra das perguntas que Cássio fez para sua irmã Selma? Não está se lembrando muito bem?

Então, veja as perguntas repetidas abaixo:

- Por que existem as marés?
- De onde vem o perfume das flores?
- Os animais podem falar uns com os outros?
- O que faz com que a água do mar seja salgada?
- Os peixes dormem debaixo da água?
- Como é que as moscas podem andar pelo teto?
- Por que os peixes não podem viver fora da água?
- Como as ostras fabricam as pérolas?
- Como funciona a lanterna do vaga-lume?
- Por que o pato não se molha quando nada?
- Por que alguém com dificuldades de aprendizado é chamado de burro?

E você se lembra do conselho que demos? Mais ou menos? Então, veja novamente abaixo:

(Você ficou curioso em saber as respostas para estas perguntas? Se você ficou, parabéns! A curiosidade é uma característica de crianças inteligentes! Mas, você somente vai aprender e aumentar os seus conhecimentos se procurar satisfazer sua curiosidade. E isto você pode fazer recorrendo ao “triângulo básico de sua educação” - seus professores, seus pais e seus avós. Ou, você pode, também, pesquisar diretamente em outras fontes, como dicionários, enciclopédias. A Internet é hoje um dos grandes recursos de pesquisa. Escreva as perguntas acima no site de busca do Google e veja os links com as respostas! Crie o hábito de pesquisar suas dúvidas e curiosidades. Assim, você se tornará uma criança que cresce em busca do conhecimento! E para que serve o conhecimento? Através do conhecimento você vai melhor entender e admirar os fenômenos da Natureza, a beleza e as qualidades das plantas e dos animais, as habilidades e emoções dos seres humanos. Você vai desenvolver suas aptidões e capacidade para ser bem sucedido na vida. Você olhará para tudo com muito mais admiração e profundidade, como acontecerá com as marés, as flores, as pérolas, os vaga-lumes... Enfim, respeitará e

valorizará muito mais as bênçãos e graças de Deus com a criação do Universo e da Vida!).

E então, conseguiu pesquisar as respostas? Algumas sim, outras não?

Muito bem, da qualquer forma, se você não pesquisou e ainda continua curioso em saber as respostas, veja abaixo. Se você pesquisou e mostrou ser uma criança curiosa, desejosa de aprender, confira as respostas que você conseguiu com as respostas abaixo!

Por que existem as marés? – As marés existem por causa da atração que a Lua exerce sobre as águas do mar. Na praia podemos observar que a água do mar sobe e desce duas vezes por dia. Como a Terra gira em torno de si mesma a cada 24 horas, metade da Terra está sob a influência da atração da Lua, gerando as marés duas vezes ao dia.

De onde vem o perfume das flores? – O perfume das flores procede de certas espécies de essências ou óleos que a planta produz interiormente com um fim determinado. Apesar dos homens utilizarem estes óleos para fins industriais e fazer perfumes, não é para nós que as plantas produzem o seu óleo perfumado, mas sim para os fins e necessidades da sua própria vida. As plantas produzem flores para, através delas, formarem os seus frutos e suas sementes que darão origem a novas plantas da mesma espécie. Para que isto ocorra, as plantas produzem o perfume para atrair insetos e aves que misturam o pólen de uma flor com outra, polinizando-a, ou seja, fecundando-a. Assim, nascem os frutos e as sementes.

Os animais podem falar uns com os outros? – Se por ‘falar’ entendermos expressar ideias e sentimentos de uma ordem elevada, então apenas o homem goza desta faculdade. Mas, não há ninguém, conhecedor dos animais, que possa um momento duvidar de que muito deles tenham a faculdade de comunicarem entre si os seus sentimentos e as suas sensações. Os macacos, por exemplo, emitem diversas espécies de sons, com diversas significações, embora não expressem ideias.

O que faz com que a água do mar seja salgada? – O sal que o mar contém foi trazido pelos rios, que dissolvem tudo quanto podem dissolver na terra e levam para o mar. A água do rio também é salgada, mas tão pouco que mal se nota. A água do mar é salgada porque contém o sal que os rios têm trazido durante séculos e séculos.

Os peixes dormem debaixo da água? – Todos os seres vivos têm um momento de descanso, até os micróbios e as plantas descansam. E, sem dúvida alguma, os peixes também. A resposta a esta pergunta é ‘sim’! Mas,

eles dormem diferente de um homem ou de um animal como o gato. Eles apenas alteram estados de vigília e de repouso. O período de repouso consiste num aparente estado de imobilidade, em que os peixes mantêm o equilíbrio por meio de movimentos bem lentos. Como não têm pálpebras, seus olhos ficam sempre abertos. Algumas espécies de deitam no fundo do mar ou rio, enquanto os menores se escondem em buracos para não serem comidos enquanto descansam.

Como é que as moscas podem andar pelo teto? - As moscas podem andar com os pés para cima porque, além de pegajosos, os têm conformados à maneira de ventosas, com a propriedade de poderem aderir a qualquer superfície por onde elas caminhem. Além disto, as moscas são muito leves e esta propriedade facilita-lhes caminharem com os pés para cima, sem terem que realizar grande esforço para vencer a ação da gravidade.

Por que os peixes não podem viver fora da água? - É na verdade curioso. Toso os seres vivos morrem se lhes faltar o ar. Os peixes, saindo da água, onde o ar é muito escasso, morrem por falta de ar. Afogam-se na terra por falta de ar e morrem do que se chama asfixia, do mesmo modo que nós nos afogamos na água. Mas, por que o peixe não utiliza o ar que o rodeia, quando o tiram da água? Porque, para respirar o ar diretamente ou tal como existe na atmosfera, é preciso ter pulmões ou qualquer coisa que o substitua. Os peixes não têm pulmões e sim guelras que é um órgão com capacidade de respirar o ar dissolvido na água. Por isso nós morremos dentro da água e os peixes morrem fora dela.

Como as ostras fabricam as pérolas? - Qualquer corpo estranho (grãos de areia ou parasitas) que invada a concha pode causar irritação. Como mecanismo de defesa, as ostras revestem esse corpo estranho de madreperla, uma substância cálcica que elas expõem para proteger a concha. É assim que se formam as pérolas.

Como funciona a lanterna do vagalume? - A luz desse inseto, chamada de bioluminescência, serve para aproximar o macho e a fêmea. Ela se acende no abdome. Sua produção depende de uma substância, a luciferina. Em contato com o ar e com uma enzima (luciferase), essa substância produz uma luz amarelo-esverdeada.

(Opa! Não entendeu nada? Não se preocupe. A maioria dos adultos também não entende. Mas, fique com esta explicação mais simples: A lanterna do vagalume acende por causa de uma reação química. Melhorou?).

Por que o pato não se molha quando nada? - Porque ele produz uma secreção oleosa embaixo da cauda e com o bico retira o óleo e o espalha pelo corpo. Recobertas por essa secreção, as penas tornam-se impermeáveis. Além disso, a camada de ar que fica entre as penas e o corpo ajuda a manter o pato flutuando.

Por que alguém com dificuldades de aprendizado é chamado de burro? - É muito provável que a fama do burro venha de seu hábito de empacar. Se alguma coisa o assusta, ele simplesmente para, demonstrando teimosia e um temperamento cismado, arredio. Apesar desta característica, o burro tem capacidade de aprender, embora não seja tão inteligente quanto o cavalo.

FIM

ALFABETO DO AMIGO

(Desconheço o autor)

Aceita você, como você é

Bota fé em você

Chama-o ao telefone só pra dizer "Ol"

Dá-lhe amor incondicional

Ensina-lhe o que sabe de bom

Faz-lhe favores que outros não fariam

Grava na memória bons momentos passados com você

Humor não lhe falta pra fazer você sorrir

Interpreta com bondade tudo o que você diz

Jamais o julga, esteja você certo ou errado

Livra-o da solidão

Manda-lhe pensamentos de ternura e gratidão

Nunca o deixa em abandono

Oferece ajuda quando vê sua necessidade

Perdoa e compreende suas falhas humanas

Quer vê-lo sempre feliz

Ri com você e chora quando você chora

Sempre se faz presente nos momentos de aflição

Toma suas dores e evita que o maltratem

Um sorriso seu basta para fazê-lo feliz

Vence o inimigo invencível junto com você

Xinga e briga por você

Zela, enfim, pela joia que você representa